Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Maes, Karol Rodrigues

Possibilidades na prática clínica com adolescentes sob a ótica da gestalt-terapia

http://hdl.handle.net/11067/6408

Metadados

Data de Publicação 2020

Resumo Este artigo teve como objetivo abordar as possibilidades na prática clínica individual com adolescentes sob a ótica da Gestalt-terapia, tendo como foco as possibilidades vivenciais de intervenção. Porém, para que essas possibilidades contemplem as necessidades do adolescente e para que façam sentido na relação terapeuta- cliente é preciso pensar para quem, para quê, quando, onde e como utilizá-las. Por isso, refletiu-se sobre o conceito de adolescente, incluindo as suas singularidades e comunali...

This article aims to address the possibilities of individual clinical practice with adolescents from the Gestalt therapy perspective focusing on the experiential intervention possibilities. However, in order for these possibilities to contemplate adolescent needs and to make therapist-client relationship sense, we have to think about who, what for, when, where and how to use them. Therefore, we have to ponder about the adolescent conceptualization, including its singularities and commonalities a...

Palavras Chave Gestalt-Terapia, Psicologia clínica, Jovens - Psicologia

Tipo article

Revisão de Pares yes

Coleções [ULL-IPCE] RPCA, v. 11, n. 1 (2020)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-12T02:34:14Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

POSSIBILIDADES NA PRÁTICA CLÍNICA COM ADOLESCENTES SOB A ÓTICA DA GESTALT-TERAPIA

POSSIBILITIES IN CLINICAL PRACTICE WITH ADOLESCENTS FROM GESTALT THERAPY PERSPECTIVE

Karol Rodrigues Maes
Universidade Federal de Santa Catarina

DOI:
Recebido: 00.00.0000
Aprovado: 00.00.0000

Resumo: Este artigo teve como objetivo abordar as possibilidades na prática clínica individual com adolescentes sob a ótica da Gestalt-terapia, tendo como foco as possibilidades vivenciais de intervenção. Porém, para que essas possibilidades contemplem as necessidades do adolescente e para que façam sentido na relação terapeuta-cliente é preciso pensar para quem, para quê, quando, onde e como utilizá-las. Por isso, refletiu-se sobre o conceito de adolescente, incluindo as suas singularidades e comunalidades e o cuidado de não generalizá-lo e estereotipá-lo. Para tal cuidado, abordou-se, também, o conceito de desenvolvimento para a Gestalt-terapia, que não acredita em fases de idade pré-definidas. Além disso, refletiu-se sobre as possibilidades na prática clínica, desde a chegada do adolescente ao consultório, passando pela entrevista, pela compreensão diagnóstica, pelo contrato psicoterapêutico, pela psicoterapia em si e, por fim, pelo contato, sem o qual não haveria a humanidade no trabalho. Com todos esses cuidados, pôde-se copilar as possibilidades vivenciais de intervenção. Concluiu-se que, além das especificidades, há muitas possibilidades de adolescer, portanto, o trabalho psicoterapêutico precisa estar em consonância com essa variedade e, assim, disponibilizar um vasto e criativo arsenal psicoterapêutico.

Palavras-chave: Adolescente; Gestalt-terapia; Psicologia Clínica.

Abstract: This article aims to address the possibilities of individual clinical practice with adolescents from the Gestalt therapy perspective focusing on the experiential intervention possibilities. However, in order for these possibilities to contemplate adolescent needs and to make therapist-client relationship sense, we have to think about who, what for, when, where and how to use them. Therefore, we have to ponder about the adolescent conceptualization, including its singularities and commonalities and be very careful not to generalize it and stereotype it. For such care, we also approach the Gestalt therapy development concept, which does not accredit pre--defined age phases. In addition, we reflect on the clinical practice possibilities, from the adolescent's arrival to the office, through the interview, through the diagnostic understanding, through the psychotherapeutic contract, through the psychotherapy itself and, finally, through the contact, because without it there would be no humanity at work. With all these precautions, It was possible to copulate the intervention experiential possibilities. It was concluded that, in addition to the specificities, there are many possibilities for adolescence, so psychotherapeutic work needs to be in line with this variety and thus provide a vast and creative psychotherapeutic arsenal.

Keywords: Adolescent; Gestalt therapy; Clinical psychology.

Introdução

Muitos trabalhos são realizados como formas de projetar aquilo que se deseja: as inquietações, as dúvidas, as angústias, aquilo que um dia ficou em aberto e, portanto, pede fechamento. Se "a criação artística exige um tipo de comportamento de suposições e projeções" (Perls, 1988, p. 49), com o presente trabalho não é diferente, mesmo que seja acadêmico. Ele surgiu, primeiramente, de um desejo pessoal, pela adolescente ferida que esta pesquisadora carrega dentro de si e que pede constantemente para ser olhada, já que naquela época ela não teve a oportunidade de ser acolhida da maneira necessária, muito menos de fazer psicoterapia, como pôde, então, acontecer na fase adulta.

Para além das questões pessoais, a ideia deste artigo emergiu com a prática clínica e com a crescente procura dos adolescentes por esse tipo de ajuda. Dúvidas foram surgindo ao se trabalhar com esse público, por isso, aumentou-se a procura por literaturas e cursos. Porém, percebeu-se o quão escassos são as referências sobre adolescentes, principalmente sob a ótica da Gestalt-terapia; e percebeu-se que aquilo que se escreve/fala sobre a adolescência, muitas vezes, é generalizado, naturalizado e até preconceituoso.

Por isso, é importante abordar as possibilidades na prática clínica individual[1] com adolescentes sob a ótica da Gestalt-terapia, já que essa é uma demanda contemporânea ocidental2 e os trabalhos sobre esse assunto são escassos. Assim, espera-se que este artigo possa ajudar os profissionais que atendem adolescentes, com novas ideias, possibilidades e questionamentos, para que eles possam introduzir, à maneira deles, novas ferramentas de trabalho. Nesse sentido, inclui-se não apenas profissionais que já atendem, mas os que estão com vontade de iniciar essa trajetória ou aqueles que têm algum interesse sobre o assunto.

Para isso, na construção metodológica, fez-se uma análise teórica discorrendo, primeiramente, como se dá a visão da Gestalt-terapia sobre o desenvolvimento humano; e, posteriormente, refletindo sobre a adolescência, passando pelas diferentes épocas e culturas, até chegar às comunalidades, singularidades, potencialidades, limitações, dificuldades e possibilidades da adolescência na contemporaneidade ocidental. Após a contextualização dessas questões, discorreu-se sobre as possibilidades na prática clínica individual com adolescentes sob a ótica da Gestalt-terapia, desde a chegada deles ao consultório, passando pela entrevista, pela compreensão diagnóstica, pelo contrato psicoterapêutico, pela psicoterapia em si, pelo contato e pelas possibilidades de intervenção. Dentre inúmeras possibilidades de interven-

[1] Clínica individual: trabalho psicoterapêutico no qual o psicoterapeuta atende um cliente (uma pessoa), o que se difere de atendimentos em grupo, casal, família, etc.

[2] Contemporaneidade Ocidental: Tempo de atrativos tecnológicos e de busca desenfreada de bens de consumo, iniciado no século XXI (Grossman, 2010).

ção, foram copiladas nove vivências para este artigo, com os nomes: Livros, Vídeo, Stop psicológico, A linha da vida, Fogueira, O desenho a quatro mãos, A parede das denúncias, Atividade sobre corpo e sexualidade e Atividade nas sessões dos responsáveis.

Falar sobre adolescentes e sobre as possibilidades de manejo na prática clínica com eles é uma tarefa hercúlea, a pretensão deste artigo vai ao encontro do apontamento de Lima (1997): Você perceberá que muitas ideias que parecem vagas são vagas, mesmo. Ou são vagas para minha percepção. Quem disse que eu tenho um monte de coisas a apresentar? Eu tenho angústia a compartilhar e inúmeras questões a formular. Gostaria imensamente que o texto iniciasse um diálogo entre nós com vistas à ampliação de nossas consciências, através do difícil e necessário – manejo dos conflitos relacionais e das ideias conflituosas. Se você se sente perdido em muitos momentos, sinta-se acompanhado. Eu também me sinto assim. Mas se temos companhia na 'perdidão', sentimo-nos mais 'achados'. E isso é bom. (p.23).

Assim, intenta-se deixar claro que este trabalho não tem a pretensão de ser um manual totalitário, fixo e rígido sobre o atendimento com adolescentes, e sim almeja trazer possibilidades, reflexões e questionamentos que enriqueçam o processo. Portanto, espera-se que os psicoterapeutas, no meio da "perdidão" em relação aos atendimentos com adolescentes, possam se sentir mais "achados" e acolhidos.

Método

Realizou-se uma análise teórica com intento de averiguar a existência de artigos, trabalhos de conclusão, dissertações ou teses que abordassem a temática da Gestalt-terapia e da adolescência conjuntamente. Para tanto, utilizou-se os seguintes descritores e caractere booleano (em sua variação em inglês): "adolescente" e "gestalt-terapia". Utilizaram-se os portais de pesquisa: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS Brasil), Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e Google Acadêmico. A pesquisa foi realizada, primeiramente, no dia 11 de novembro de 2016, quando o conteúdo deste artigo foi construído em forma de monografia e, posteriormente, no dia 10 de agosto de 2019, para readaptá-lo em forma de artigo e, também, para atualizá-lo.

Além das pesquisas na internet, foram utilizadas leituras de livros dos autores: Aguiar (2015); Bucay (2012); Bucay e Salinas (2012); Buscaglia (1982); Calligaris (2009); Cornejo (2008); Fisher (2009); Herculano-Houzel (2005); Kluckhohn e Murray (1948); Lima (1997); Muuss (1966); Nunes (2010); Oaklander (1980); Oaklander (2008); Perls (1988); PHG (1997); Pinto (2015); Quadros e Soares (2014); Schnapp (1996); Silveira (2016); Zanella e Antony (2016); e Zanella e Zanini (2013).

Concomitantemente à apresentação dos conceitos teóricos, realizou-se uma análise crítica visando a uma construção harmônica da revisão bibliográfica e do posicionamento crítico adotado neste artigo.

1. O desenvolvimento humano sob a ótica da GT

Para considerar as possibilidades na prática clínica individual com adolescentes sob a ótica da Gestalt-terapia é importante pensar os desdobramentos do que é ser adolescente. Para isso, primeiramente, faz-se necessário refletir sobre o conceito de desenvolvimento em tal abordagem.

Dessa forma, Soares (2005) acredita que não é possível pensar o desenvolvimento de modo cartesiano compartimentado, naturalizado e previsível, como consta na maioria dos textos clássicos de desenvolvimento.

Aponta-se o desenvolvimento, por conseguinte, para a presentificação da plenitude do que quer que seja composta a experiência atual: dor, perda, desencontro, tropeço, confirmação, prazer, lucidez, etc.

Desse modo, como afirma Perls (1988), no processo normal de crescimento, aprende-se por ensaio e erro, testando a vida e o mundo tão livres e ininterruptos quanto possível. Portanto, corroborando com Muuss (1966), as diferenças de desenvolvimento se relacionam com o ambiente, bem como com o indivíduo, suas necessidades, sua autopercepção e seu corpo.

2. Reflexões acerca da adolescência

Muitos são os conceitos e significados a respeito do que é ser adolescente. Neste capítulo serão trazidas algumas possibilidades específicas sobre o que é ser adolescente para se pensar a prática clínica individual sob a ótica da Gestalt-terapia. Primeiramente, como essa Abordagem não acredita em fases pré-definidas do desenvolvimento, não faz sentido pensar o adolescente de modo naturalizado, generalizado e fixado. A própria história da sociedade mostra as diferentes formas do que é ser adolescente em diversas épocas e culturas. Segundo Facci e Tomio (2009), algumas pessoas nascidas em meados de 1940, por exemplo, costumam declarar que, para elas, a adolescência não existiu; entendem que transitaram da infância para a idade adulta diretamente. Já em outras épocas e culturas, consta-se que a adolescência existiu, porém de forma diferente da que é vivenciada na cultura ocidental contemporânea. Schnapp (1996), ao retomar a história, afirma que, na sociedade grega, por exemplo, os jovens ficavam com as ações, os homens maduros com as decisões ponderadas e os mais velhos com as prescrições. Nesse modelo, os jovens eram envolvidos com a caça, com a corrida, com a guerra e, muitas vezes, com o erotismo. Assim, a fronteira social que separava a criança do adulto era ritualizada e estetizada.

Já na sociedade contemporânea ocidental, constata-se que algumas peculiaridades se acometem na adolescência. Muitos autores, como Herculano-Houzel (2005), entram no consenso de que a adolescência, nesse contexto, inicia-se na puberdade e termina quando o indivíduo se sente independente e responsável para iniciar a fase adulta. No entanto, questiona esse início, uma vez que a puberdade

está começando cada vez mais cedo, influenciando a precocidade da adolescência. Já Calligaris (2009) questiona o término, uma vez que não há rituais e passagens bem definidos, além de abordar outras complexidades que a cultura ocidental contemporânea gera, como o culto à juventude que gera "ganhos" econômicos e políticos, o que dificulta a passagem para a vida adulta. Desse modo, Lima (1997) aborda que os inícios e os fins se diluem, confundem-se e, em decorrência disso, o senso de responsabilidade e o significado psicológico percebidos ficam igualmente vagos, havendo, por exemplo, pessoas com comportamentos de adolescente para além dos trinta anos.

Outras comunalidades são percebidas nos adolescentes contemporâneos. Por exemplo, Lewin (1939) as aborda ao diferenciá-las das percebidas nas crianças, frisando-se que ocorrem em nível de probabilidade e não de generalização. Desse modo, o período da adolescência se torna mais diferenciado e extenso em comparação com o espaço de vida pouco diferenciado e mais restrito da criança. O adolescente conhece mais pessoas, obtém mais informações e torna-se familiar com mais áreas geográficas. Logo, obtém mais recursos sociais, cognitivos, físicos e de linguagem para contatar a si mesmo e o ambiente.

Conforme McConville (1995 apud Baroncelli, 2012), a criança vivencia uma relação de dependência vinculante com os adultos, em que a maior parte do seu espaço de vida é indiferenciada do espaço de vida do adulto. Cabe aos adultos, por exemplo, na maioria das vezes, as decisões referentes às atividades das crianças, como a escolha da escola, o tipo de alimentação, etc.; enquanto na adolescência, o caminho é traçado em direção à independência. Muuss (1966) contempla que, para o adolescente, certos comportamentos infantis não são mais aceitos pela sociedade, ao passo que algumas formas de comportamento adulto não lhe são permitidas. Muitos adolescentes, então, acabam por não ter uma compreensão clara de suas obrigações e seus comportamentos refletem essa incerteza, influenciando algumas das "dificuldades dos adolescentes", tais como a instabilidade, o autodesprezo, a timidez e a rebeldia.

Além dessas "dificuldades dos adolescentes", percebem-se outros desafios que muitos adolescentes contemporâneos enfrentam: eles estão vivendo uma fase na qual a dúvida e a angústia que acompanham o processo de fortalecimento do sentido de si mesmo estão sendo muito intensificados, pois o momento sócio-politico-econômico que os circunda é de uma total descrença no humano e na falta de perspectiva com relação ao futuro (Calligaris, 2009).

Nesse contexto sócio-político-econômico, alguns dos desafios são: a invasão das tecnologias, Zanella & Zanini (2013); as novas formas de se relacionar e os preconceitos enfrentados, Zanella & Antony (2016); os transtornos alimentares, Nunes (2010) e Zanella & Antony (2016); os comportamentos automutilantes, Zanella & Antony (2016); a dificuldade dos responsáveis de colocarem limites de forma que faça sentido para o adolescente Lima (1997), Oaklander (1980) e Cornejo (2008); a violência e a corrupção social, Lima (1997) e Calligaris (2009).

Entretanto, frisa-se que tais comportamentos são percebidos em muitos adolescentes, mas não em todos, e que os desafios são enfrentados de forma singular. Pode chegar ao consultório, por exemplo, um adolescente que não tenha como figura a timidez, e sim a extroversão e a comunicação, assim como pode chegar um adolescente que não tenha como figura a rebeldia, e sim o papel de responsável até da própria família. Para confirmar essa ampla variedade do que é ser adolescente, a pesquisa de Aguiar e Ozella (2008) confirma que nem todos apresentam os chamados "comportamentos de adolescentes", ou a "síndrome normal do adolescente".

Segundo as pesquisas, muitos adolescentes das classes mais pobres da sociedade, por exemplo, contrariando a cartilha dos manuais de psicologia, não sofrem tanto com os tradicionalmente mencionados conflitos familiares na luta pela construção de si e pela diferenciação ou com as dúvidas em relação à escolha da carreira. Geralmente, suas dores se revelam, especialmente, em falta de perspectiva e no medo de ficarem desempregados; ou seja, mais do que pensar em escolher uma profissão, receiam se conseguirão algum trabalho.

Dentro da perspectiva de campo, que inclui as amplas possibilidades da existência humana, Baroncelli (2012) acredita que o adolescente faz o possível para se equilibrar diante da conjuntura em que se encontra, em um balanço entre possibilidades presentes de si mesmo e do seu meio. Assim sendo, alguns ajustamentos podem revelar respostas espontâneas e fluidas às suas necessidades e, por outro lado, alguns ajustamentos podem indicar um modo rígido e pouco respondente às mudanças enfrentadas. Portanto, se a passagem entre vivência do "campo infantil" para o "campo adolescente" pode, de um lado, compor uma experiência de crise e uma repentina busca sofrida e angustiada por si mesmo, por outro, a busca pelo projeto de si mesmo pode ir ao encontro de uma progressiva exploração de papéis e potenciais escolhas que, possivelmente, iniciou-se paulatinamente desde a infância.

Nessa possibilidade, é possível acontecer de o adolescente passar pelo o que é percebido tradicionalmente como tormentas emocionais e crises, de uma forma que para ele é positiva, como, por exemplo: obter uma visão crítica, ter amizades, ser sincero e assim por diante. Segundo Lima (1997), a passagem da adolescência ser penosa e difícil ou suave e assimilável de se integrar é uma questão que depende de inúmeros fatores pessoais e ambientais. O amor, o amparo e a orientação são, por exemplo, influências favorecedoras; já a negligência, o abandono e o descaso são profundamente lesivos.

Desse modo, conforme Baroncelli (2012, p.191), a Gestalt-terapia "entende ser a concretude da existência do ser-no-mundo que se manifesta em cada adolescente". Tal concretude inclui, mas não se restringe a partir dos aspectos fisiológicos das mudanças corporais. Ser adolescente é, portanto, sê-lo num determinado corpo, com certas mudanças significativas, mas também numa determinada cultura, família, classe social, etnia, sociedade e, sobretudo, é ser um indivíduo que irá significar todos esses aspectos de maneiras singulares. Logo, para se pensar a adolescência, não pode se

perder de vista as comunalidades e singularidades, pois, como afirmam Kluckhohn e Murray (1948), todo homem é, sob certos aspectos, como todo homem; como certos homens; como nenhum outro homem.

3. Possibilidades na prática clínica com adolescentes

A partir das reflexões acerca da singularidade e da comunalidade do que é ser adolescente na contemporaneidade ocidental, é possível pensar as possibilidades para a prática clínica. Para isso, é importante refletir sobre a chegada dele ao consultório, sobre as entrevistas iniciais realizadas, sobre a compreensão diagnóstica, sobre o contrato psicoterapêutico, sobre a psicoterapia em si e sobre a importância do contato, para que, assim, chegue-se ao coração deste artigo: as possibilidades vivenciais de intervenção. Cada um desses tópicos serão abordados a seguir.

3.1 Entrevista inicial

Segundo Pinto (2015), a primeira entrevista é um dos momentos mais fundamentais em um trabalho psicoterapêutico, além de guardar diversas peculiaridades, como o contexto no qual se dá e a sua finalidade. A primeira entrevista com familiares de um adolescente, por exemplo, é diferente da primeira entrevista com o próprio adolescente, apesar de possuírem semelhanças significativas. Atenta-se que quando se fala em primeira entrevista não necessariamente se refere a um único primeiro encontro, e sim a um conjunto de sessões que permitirão que o psicoterapeuta e o cliente se conheçam, ampliem o campo e estabeleçam o "se" e o "como" de um processo psicoterapêutico.

A entrevista inicia no momento em que o cliente recebe uma indicação ou quando decide procurar a psicoterapia, conforme Pinto (2015). Por conta disso, o psicoterapeuta precisa ter a delicada e criativa tarefa de escolher como irá remanejar a subsequente entrevista com o adolescente, pois as possibilidades são amplas e variadas, tais como: se é o adolescente quem liga para o psicoterapeuta e quer ir sozinho à psicoterapia; se são os pais que ligam; se os pais são divorciados e precisam de sessões separadas; se é uma casa de acolhimento que entra em contato e é obrigatório que algum profissional dessa instituição fale primeiro com o psicoterapeuta e assim por diante.

Oaklander (2008), por exemplo, ao trabalhar com adolescentes, já na primeira sessão, costuma encontrá-los junto com os responsáveis. Já Cornejo (2008) prefere encontrar-se somente com os responsáveis na primeira sessão para que eles expressem o motivo da consulta e, só depois, recebe o adolescente, exceto quando este manifesta o desejo de ser entrevistado primeiro. Ainda no trabalho com as famílias, Cornejo (2008) ressalta a importância de conhecer os avós, que, além de serem, muitas vezes, a referência do adolescente, frequentemente revelam aspectos dos pais que são omitidos pelos próprios e ajudam o psicoterapeuta a compreender melhor a dinâmica

familiar quando necessário. Irmãos, tios, vizinhos, amigos também podem ser pessoas significativas para o adolescente e, desse modo, podem ser convidados a comparecerem nas entrevistas inicias.

Para além das entrevistas com os responsáveis, há adolescentes que são encaminhados por algumas instituições, como a escola ou a instituição médica, por exemplo. A partir dessa ampla variedade, o psicoterapeuta vai escolher como será feita a entrevista e os trabalhos posteriores, podendo estruturar uma forma de atendimento para organizá-la melhor.

Ressalta-se que, independentemente dos envolvidos, o psicoterapeuta não deve esquecer que a psicoterapia é para o adolescente, e não para cumprir as expectativas de quem o encaminhou. O adolescente não é um objeto a ser consertado para ser útil, agradável e bonito para o adulto, mas um ser humano que necessita ser enxergado tal como é, com suas potencialidades e limitações.

3.2 Compreensão diagnóstica

Durante as entrevistas, a compreensão diagnóstica é elaborada. Frazão (1996) esclarece que essa compreensão não se refere simplesmente a um diagnóstico pronto e estagnado, mas sim a um pensamento diagnóstico processual, pois envolve o que emerge a partir da relação psicoterapeuta-cliente, as mudanças e reconfigurações que vão ocorrendo a partir dessa relação e a reflexão posterior do psicoterapeuta, com o seu arsenal teórico, para melhor compreender o que está acontecendo com o cliente.

Na compressão diagnóstica, é importante observar a comunalidade que o adolescente tem com outras pessoas da sua faixa etária, mas, também, a sua singularidade. Além disso, Aguiar (2015) afirma a importância de checar tanto as limitações como as potencialidades e possibilidades de cada cliente, pois ambos os lados fazem parte da compreensão diagnóstica que é da totalidade do cliente em seu campo. Ademais, é justamente com os recursos disponíveis que se trabalhará inicialmente, uma vez que a psicoterapia atua para promover a saúde e não para aniquilar a doença.

3.3 Contrato psicoterapêutico

A partir das entrevistas iniciais e da compreensão diagnóstica, pode-se elaborar o contrato. Conforme Zanella e Antony (2016), não há um modelo restrito a ser seguido na prática clínica em Gestalt-terapia, porém é importante que o contrato com o adolescente seja claro. Para Cornejo (2008), o contrato, chamado por ela de pautas mínimas, determina a duração, a frequência, o pagamento, as faltas, os atrasos, o trabalho nas sessões, as atividades durante a semana para refletir e os recursos que serão utilizados.

Englobando todas essas questões e indo além, Rosa (2011) questiona os contratos e acredita fazer sentido para a Gestalt-terapia um contrato psicoterapêutico. Este

não é universal: vai depender de cada psicoterapeuta, de cada cliente e de cada relação psicoerapeuta-cliente. É iniciado após os envolvidos se conhecerem, em seguida às entrevistas iniciais, porém não é cessado nesse ponto; é processual e vai se lapidando conforme as necessidades. Desse modo, conforme Rosa (2011), são abordadas as questões fundamentais percebidas nas entrevistas e na compreensão diagnóstica realizada.

No caso de atendimento com adolescente, será acordado, por exemplo, quem pagará a sessão, se os pais ou o adolescente; se serão convidadas a participar das sessões pessoas significativas ao adolescente ou não; quais as possibilidades e impossibilidades de intervenção a partir da compreensão diagnóstica, e assim por diante.

Nessa ampla variedade de possibilidades, pode acontecer que, no contrato psicoterapêutico, seja escolhido, por exemplo, fazer uma orientação com os pais e não trabalhar diretamente com o adolescente. Cornejo (2008) também aponta a possibilidade de haver a necessidade de trabalhar com os pais e um deles não querer participar, necessitando laborar com essa falta e checar como o adolescente lidará com isso.

Ainda sobre o contrato psicoterapêutico, é necessário verificar se o psicoterapeuta e/ou o cliente pode e/ou quer dar continuidade ao trabalho, já que, como aborda Pinto (2015), mesmo com todo o preparo teórico e experiencial, o psicoterapeuta não tem certeza, a princípio, de que seu serviço e seu arsenal teórico serão úteis àquele que o procura. A única crença que um psicoterapeuta pode ter no início é a de que somente um ser humano pode acolher outro ser humano em momentos de intenso sofrimento ou de angústia.

Sobre poder ou querer dar continuidade aos atendimentos com os adolescentes, Oaklander (1980) afirma ser necessário realmente gostar de adolescentes para se trabalhar com eles. Zanella e Zanini (2013) dizem que a chegada do adolescente implica predisposição para aceitá-lo em suas dúvidas, defesas, angústias, esperanças e raiva.

Segundo Zanella e Zanini (2013), trabalhar com adolescentes remete ao psicoterapeuta um passado, distante ou próximo, no qual a vivência dessa etapa da vida é revisitada e presentificada a todo instante. Logo, como Oaklander (2008) apontou, é importante que o psicoterapeuta esteja aware[3] de si próprio.

Desse modo, a partir das entrevistas iniciais, da compreensão diagnóstica e do contrato psicoterapêutico, pode-se ter mais claro a necessidade, o como e o para quê do adolescente fazer psicoterapia. Além disso, possibilita ao psicólogo e ao adolescente se conhecerem e estabelecerem a confiança entre eles.

3.4 Psicoterapia e contato

Percebida a necessidade de fazer psicoterapia – a partir da entrevista inicial, da

[3] Awareness é o sentir espontâneo do que surgir no indivíduo; do que está sentindo, fazendo, planejando (PHG, 1997).

compreensão diagnóstica e do contrato psicoterapêutico –, o psicólogo embarca nas infinitas possibilidades de intervenção, acompanhando, aprofundando e alterando o campo do cliente. Desse modo, conforme Oaklander (1980), o psicólogo promove métodos para convidar o cliente a expressar seus sentimentos, a trazer para a relação psicoterapêutica aquilo que o está angustiando ou qualquer outra questão que esteja necessitando discutir, para que, juntos, possam lidar com esse material. Logo, o cliente é convidado a dar fechamentos, fazer escolhas e aliviar as cargas que se tornam cada vez mais pesadas enquanto vão sendo carregadas.

Em geral, Oaklander (1980) não faz interpretações do material que o cliente apresenta, embora procure traduzir, sim, o que vê e ouve no sentido de guiar as interações com o cliente. No entanto, cada psicólogo precisa encontrar seu próprio caminho, já que psicoterapia é uma arte na qual é necessário combinar conhecimento, preparo e experiência com um sentido criativo, fluído e intuitivo, caso contrário provavelmente não se sucederá muita coisa.

Oaklander (1980) diz não querer dar a impressão de que em toda sessão acontece algo extraordinário: muitas vezes parece não acontecer algo explicitamente importante; algumas vezes, o cliente não tem vontade de fazer "nada"; entretanto, alguma coisa está acontecendo o tempo todo. O importante é que, em cada sessão, psicoterapeuta e cliente estejam juntos, seja no silêncio, no compartilhamento, na atividade, na angústia ou na alegria.

Logo, independentemente das diferentes formas de trabalho, o psicoterapeuta convida o cliente para estar em contato, pois, segundo Oaklander (2008), para que uma psicoterapia faça sentido, o psicólogo e o adolescente precisam estar plenamente presentes, em contato. Segundo Silveira (2016), contato refere-se ao intercâmbio entre o indivíduo e o ambiente que o circunda dentro de uma visão de totalidade. Assim, conforme Zanella e Zanini (2013), estar em contato é um processo que emerge na relação, de forma plena e verdadeira.

4. Possibilidades vivenciais de intervenção

Segundo Quadro e Soares (2014), para a Abordagem Gestáltica, mudanças são processos contínuos, animadas não pelas grandes intervenções, e sim pela possibilidade de o indivíduo reconfigurar as percepções a partir do ir e vir no desenrolar das situações vividas. Muitas vezes é preciso enfrentar a vida como um jogo em que o indivíduo se arrisca, reformula pensamentos, desenvolve sentimentos, estratégias e ações e, sobretudo, aprende coisas novas que, ainda que mantenham seu frescor, sempre poderão ser renovadas. Desse modo, os recursos técnicos podem facilitar o adolescente a experimentar de modo consciente o "jogo mágico da vida".

Tais recursos técnicos podem ser utilizados pelo psicólogo como ferramentas, mas, para tal uso, todo cuidado se faz necessário, senão, ao invés de um serviço psicoterapêutico, é realizado um desserviço. Assim, conforme Aguiar (2015), é fundamental

que a técnica seja utilizada a partir da situação apresentada pelo cliente e dentro da fronteira relacional cliente-psicólogo. Nesses parâmetros, a técnica precisa responder às necessidades e aos limites do cliente, pois aquela que se revela uma técnica excelente para um, pode ser um desastre ou não fazer nenhum sentido para outro.

Logo, indo ao encontro de Salomão (2003), as técnicas se transformam em experimentos, que o autor conceitua como:

> [...] o contato emocional com a experiência. Ele pode ser composto de muitas técnicas, que podem preexistir ou ser construídas na cena terapêutica a partir do que está acontecendo no momento (...). O terapeuta cria inúmeras situações que posteriormente se tornam 'técnicas', passíveis de serem reutilizadas em outras ocasiões e/ou não. O que distingue um experimento de uma técnica é que um experimento surge em função do tema, das necessidades do processo do cliente, nos momentos de impasse e no processo da sessão. O experimento é sempre singular, mesmo que estejam sendo utilizadas técnicas de uso corrente. O que ele tem de peculiar é o seu manejo (2003, pp. 263-264).

Depois de contemplados os cuidados ao se utilizar as técnicas, é possível citar algumas possibilidades de intervenções para elucidar e dar ideias, cabendo, assim, a cada psicoterapeuta, checar quais delas fazem sentido para si, para cada adolescente, a cada sessão e com cada temática, possibilitando a sua reconfiguração em experimentos no sentido explicitado por Salomão (2003).

4.1 Livros

Muitos livros citados por Oaklander (2008) são dos Estados Unidos e não há edição em português, mas há livros brasileiros ou editados em português que podem servir como belas obras psicoterapêuticas para trabalhar com adolescentes. Podem ser sugeridos para uma leitura fora do consultório e questionados em sessão ou podem ser lidos, pelo menos em partes, durante a sessão. Por exemplo, há o livro "Amar de olhos abertos", de Bucay e Salinas (2010), e conta uma história que aborda a questão dos conflitos nas relações amorosas.

Bucay tem um livro interessantíssimo chamado "As histórias que me ensinaram a viver" publicado em 2012 . A cada capítulo há uma sessão terapêutica, em que um jovem cliente expõe suas angústias e o psicoterapeuta responde com um conto que mostra ao jovem possibilidades de lidar com seus sentimentos e expandir a consciência para novas maneiras de encarar os conflitos. Pode ser interessante a leitura de algum dos capítulos do livro em sessão pelo próprio psicólogo, quando achar que há algum tema importante do capítulo no momento presente do adolescente. Se, por exemplo, o adolescente está cristalizado em seus problemas antigos, o psicoterapeuta pode ler um dos capítulos chamado "O elefante acorrentado".

O livro chamado "Cavaleiro preso na armadura", de Fisher (2009), também pode ser utilizado como ferramenta psicoterapêutica. O personagem cavaleiro vive em busca do seu verdadeiro eu, porém não encontra as verdades que procura por estar sempre preso em sua armadura. Por fim, outra fábula, chamada "A história de uma folha", de Buscaglia (1982), é considerada relevante para todas as idades e aborda de uma forma delicada o equilíbrio entre a vida e a morte.

4.2 Vídeo

Oaklander (2008) relata que levou a câmera de vídeo ao consultório e muitos clientes adolescentes decidiram usá-la, encantando-se em inventar conduções e tornando-a uma excelente ferramenta psicoterapêutica.

Além de criar vídeos, também é possível assisti-los em sessões psicoterapêuticas. Filmes, séries ou canais de Youtube podem ser utilizados como ferramentas, já que são meios de comunicação muito utilizados pelos adolescentes. "JoutJout, Prazer" é um exemplo de canal do Youtube a ser utilizado de uma forma riquíssima, pois, além de ser divertido, despretensioso e atual, traz à luz assuntos importantes a serem refletidos, sobre os quais muitos adolescentes têm dúvidas. Um dos vídeos mais assistidos, "Não tira o batom vermelho", é justamente um dos mais sérios, mas não menos engraçado, que aborda relacionamentos abusivos.

4.3 Stop psicológico

Conforme Zanella e Zanini (2013, p. 75), no clássico jogo chamado *Stop* é "feita uma tabela cujas colunas contêm temas e a cada linha é sorteada uma letra com a qual devem ser iniciadas as palavras naquela rodada". O primeiro a completar a linha deve gritar "STOP!" e, então, ganha a rodada. No fim do jogo, somam-se os pontos. Já no *Stop* psicológico, ao invés de temas corriqueiros, são propostos temas que possibilitam trazer conteúdos psicológicos, como: Eu sou; Gosto de; Tenho raiva de; Meu(Minha) namorado(a) me deu; Meu pai é; Minha mãe é; Tenho medo de; e outros temas pertinentes à vida do adolescente, que também podem ser sugeridos por ele.

4.4 A linha da vida

A linha da vida é um exercício frequentemente utilizado em escolas. Porém, Cornejo (2008) a readaptou, tornando o exercício mais "gestáltico". Pede-se para fechar os olhos e pensar nos momentos vividos, desde bebê até os dias de hoje. Depois, solicita-se a produção da linha da vida com representações, através de formas e de cores, das imagens suscitadas, de acordo com cada momento vivido. Depois da consigna, é momento de questionar sobre o processo da escolha das cores, dos tipos de linhas, sobre as emoções, as associações e assim por diante.

Esse exercício pode ter temáticas diferentes, como a linha do processo psicoterapêutico e a linha do projeto de vida.

4.5 Fogueira

Segundo Cornejo (2008), o exercício da fogueira é utilizado, muitas vezes, quando o adolescente apresenta muita dificuldade para falar sobre determinados temas. É necessário um recipiente de barro, isqueiro, folhas de eucalipto, papel e caneta. A consigna consiste em pedir para o cliente escrever tudo o que sente e pensa a respeito do que ele tem dificuldade de expor, fica a critério do cliente a possibilidade de o psicoterapeuta ler ou não. Por fim, será rasgada a folha escrita em partes bem pequenas, para serem colocadas no recipiente junto com o eucalipto, e, então, atear fogo.

4.6 O desenho a quatro mãos

O desenho a quatro mãos possibilita uma conversa não verbal entre psicoterapeuta e cliente. Tanto o cliente quanto o psicoterapeuta escolherão uma cor que represente como ambos estão se sentindo e irão conversar desenhando. Não pode escrever, é preciso utlizar apenas linhas que tentarão dizer algo ao outro. Assim que finalizada a conversa, cada um escolherá um título e dirá o que percebeu. Esse exercício convida o cliente a ir desbloqueando a capacidade de expressão e, sobretudo, a recordar que a expressão nem sempre precisa ser falada. Até porque, muitas vezes, o adolescente se expressa melhor pelo corpo, pelo silêncio ou de outras formas criativas que não sejam a verbal, conforme Cornejo (2008).

4.7 A parede das denúncias

Segundo Cornejo (2008), percebe-se que a função de muitos adolescentes é denunciar tudo aquilo que considera rígido, retrógrado e sem sentido. Para que eles o façam de modo consciente, a psicoterapia pode ajudá-los com algumas consignas. Por exemplo, solicita-se ao adolescente que imagine que as folhas de papel à sua frente sejam paredes das denúncias e, assim como os grafiteiros, ele poderá denunciar tudo o que não lhe faz sentido.

Uma dessas folhas será a parede da denúncia da sociedade, outra a da escola e outra a da família. Assim que terminado, psicoterapeuta e cliente conversarão sobre as paredes: o que têm em comum; o que têm de diferente; o que está fazendo sentindo e o que não está; como se sente ao denunciar; e assim por diante. É possível realizar essa atividade com os dos materiais sugeridos por Cornejo (2008), como *sprays*, a fim de lembrar as paredes feitas por grafiteiros.

4.8 Atividade sobre corpo e sexualidade

Todas as técnicas aqui citadas podem ser utilizadas para temas específicos, como a sexualidade. Oaklander (1980) cita técnicas que utiliza com grupos, uma delas consiste em pedir aos membros do grupo que escrevam num pedaço de papel algum segredo referente à sexualidade: algo que tenham feito e nunca contaram a ninguém ou algo que gostariam de saber, mas não tiveram coragem de perguntar. Os papéis não contêm as assinaturas e eles são colocados no meio da sala, para que cada um pegue e leia

Como essa técnica exige mais pessoas envolvidas, pode-se readaptá-la para a clínica individual pedindo para que cada adolescente, em sessão, coloque uma pergunta numa caixa, sem se identificar. Quando a caixa tiver um número significativo de papéis com perguntas, pede-se para que cada cliente tire uma pergunta da caixa, com o intuito de discorrer sobre o tema em psicoterapia, quando necessário. As perguntas podem ser referentes à identidade de gênero, envolvendo, por exemplo, orientação sexual, identificação de gênero e expressão de gênero.

Em consonância com a temática anterior, pode-se utilizar, também, técnicas para a temática da imagem corporal. Oaklander (1980) cita, por exemplo, fazer uma fantasia dirigida pedindo ao cliente que imagine que está numa sala escura e que inicia uma caminhada em direção a uma área iluminada, encontrando um espelho de corpo inteiro e, a partir de então, iniciando um diálogo com sua própria imagem corporal.

4.9 Atividade nas sessões dos responsáveis

Segundo Oaklander (2008), o trabalho com a família é uma instância para checar a aptidão de se comunicarem, como estão as expressões dos desejos e necessidades, grau de confluência, regras adaptadas e impostas, quais são os obstáculos e, assim, se possível e necessário, ajudá-los a expressarem seus sentimentos e conhecerem os significados reais por detrás daquilo que dizem.

Pode acontecer de os responsáveis trazerem as demandas da relação deles com o adolescente sem se darem conta das suas próprias adolescências. Nesses casos, utiliza-se outros exercícios relatados por Cornejo (2008), como: "escreva uma lista de dez características que associe com a sua adolescência"; "recorde três situações que para você foram importantes na sua adolescência"; "escreva dez sensações frequentes que você tinha nesta etapa da vida" (Cornejo, 2008, pp. 70-71).

Em muitos atendimentos com adolescentes e seus respectivos responsáveis, são percebidos os conflitos em relação às normas. Por conta disso, é possível fazer atividades referentes a essa temática nas sessões dos responsáveis, do adolescente e nas sessões em que ambos são convidados a estarem presentes. Cornejo (2008) cita duas atividades que podem ser feitas: na sessão com os responsáveis, pode-se pedir que es-

crevam dez normas que há na relação deles com o adolescente, dez normas que havia na adolescência deles com os seus respectivos responsáveis e, por fim, checar quais normas estão fazendo sentindo atualmente, quais estão sendo repetidas sem sentido, além de outras questões que podem emergir a partir desse exercício. Relata-se o que suscitou a partir dessa atividade em um atendimento: o adolescente, a pedido do pai, tinha que escovar os dentes de costas para o espelho para não sujá-lo. O pai, em sessão, pôde perceber que recebeu essa norma quando estudou no internato e dialogou outras possibilidades com o seu filho, para que este mantenha o banheiro limpo após usá-lo.

Conclusões

Com o desenvolvimento deste artigo, concluiu-se que as singularidades dos adolescentes são inúmeras e que é necessário considerar essa variedade de possibilidades para refletir sobre a prática clínica com eles. Portanto, não é possível seguir um manual de atendimentos, e sim estar disponível para cada adolescente que chega ao consultório, com sua história, suas dores, suas alegrias e suas formas de se autorregular.

Para cada figura que emerge no campo do *setting terapêutico*, é importante o psicoterapeuta ter um fundo de possibilidades que esteja disponível para ser acessado e utilizado de forma que faça sentido para aquele adolescente, naquele momento, para aquela necessidade e para aquela relação cliente-psicoterapeuta.

Com o intuito de ajudar nesse arsenal, nesse fundo de manejos do psicoterapeuta, este trabalho propôs pensar as possibilidades na prática clínica com os adolescentes sob a ótica da Gestalt-terapia e, mais especificamente, buscou pensar as possibilidades vivenciais de intervenção. Porém, percebeu-se que, para falar de experimentos, é fundamental que ao menos seja citado algo breve sobre a relevância da entrevista, da compreensão diagnóstica, do contrato psicoterapêutico, da psicoterapia em si e do contato com os adolescentes.

Na entrevista, o psicoterapeuta e cliente se conhecem e iniciam o para quê, como e onde da psicoterapia. Junto à entrevista, é a partir da compreensão diagnóstica que o psicoterapeuta terá o norte de como trabalhar e se relacionar com o cliente. Nesse processo, o contrato psicoterapêutico ajudará a pensar as possibilidades de trabalho, a partir dos contornos e dos acordos estabelecidos, quando necessário, entre psicoterapeuta e cliente.

A partir desses manejos citados é possível alterar o campo, além de ampliá-lo, o que didaticamente pode-se chamar de psicoterapia. Junto a ela, o contato: o fundamental do trabalho psicoterapêutico e das possíveis intervenções, sem o qual a humanidade desse trabalho se perde.

Assim, perpassado por esses caminhos, pôde-se chegar às possibilidades vivenciais de intervenção. Dessa forma, elas não se apresentam como uma mera técnica e sim com certo cuidado para serem experimentos que possuem sentido ao serem uti-

lizados. Sobre essas possibilidades, foram compiladas nove vivências, com os nomes: Livros, Vídeo, Stop psicológico, A linha da vida, Fogueira, O desenho a quatro mãos, A parede das denúncias, Atividade sobre corpo e sexualidade e Atividade nas sessões dos responsáveis.

Essas possibilidades convidam o leitor a não se restringir a elas, mas sim dar um suporte para que outras ideias também possam surgir. A necessidade de ser criativo para atender adolescente é corroborada com a própria história, que mostra a diversidade do adolescer. Mostra, por exemplo, que houve momentos em que a adolescência se quer existiu e, em outros momentos e culturas, ela se apresentou e se apresenta muito diferente das comunalidades vistas nos adolescentes contemporâneos ocidentais.

Mesmo dentro das comunalidades entre adolescentes contemporâneos ocidentais, não se pode seguir com rigor as cartilhas dos manuais de psicologia, pois, às vezes, o que é tão discutido - como o sofrimento do adolescente no quesito escolha da profissão - não chega perto da realidade de outros adolescentes, porque os sofrimentos deles referem-se à preocupação de conseguir algum emprego que banque a sua sobrevivência.

Dentro dessa variedade, muitas outras se apresentam: ao invés do que muitos livros e artigos sobre adolescente abordam, há adolescentes extrovertidos e não tímidos; muitos responsáveis e não rebeldes; e há aqueles também que, ao invés de passar pela fase da adolescência de forma penosa e tortuosa, passam por ela de forma criativa e autorregulada. Ou, ainda, aqueles que apresentam todas essas formas em momentos distintos da adolescência.

Essa ampla variedade vai ao encontro do que é desenvolvimento para a Gestalt-terapia, que não acredita em fases fixas de desenvolvimento. Para essa Abordagem se desenvolver é aprender a descobrir novas possibilidades.

Frisado as singularidades, a fim de não cair na armadilha das generalizações e dos preconceitos, é preciso cuidar para não se fixar apenas nesse pólo. Por isso, é preciso também transitar no pólo das comunalidades para se chegar a uma integração. Parte das comunalidades dos adolescentes ocidentais contemporâneos foram trazidas no presente artigo, visando à necessidade de refletir o contexto sócio-político-econômico para se pensar a prática clínica.

Algumas delas são: a invasão das tecnologias; as novas formas de se relacionar e os preconceitos enfrentados; os transtornos alimentares; os comportamentos automutilantes; a dificuldade dos responsáveis de colocarem limites de forma que faça sentido para o adolescente; a violência; e a corrupção social.

Além dessas comunalidades, o artigo partiu do acordo entre muitos autores, que acreditam que a adolescência inicia com a puberdade e finaliza com a independência para ser adulto. Porém, ressalta-se que há muitos questionamentos sobre esse início e fim.

Assim, incluindo as singularidades e comunalidades dos adolescentes, o artigo pretendeu trazer algumas possibilidades de intervenções e, também, a instigação

para que futuramente alguns temas sobre essa fase possam ser explorados, de modo que os profissionais sintam-se mais "encontrados" na "perdidão" e na riqueza de se trabalhar com os adolescentes.

Referências

Aguiar, L. (2015). *Gestalt-terapia com crianças - teoria e prática*. São Paulo: Summus.

Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa, 38*(133), 97-125.

Baroncelli, L. (2012) Adolescência: fenômeno singular e de campo. *Revista da Abordagem Gestáltica, 18*(2), 188-196.

Bucay, J. (2012). *As histórias que me ensinaram a viver - a inspiradora relação entre terapeuta e seu jovem paciente*. Rio de Janeiro: Sextante.

Bucay, J., & Salinas, S. (2010). *Amar de olhos abertos*. Rio de Janeiro: Sextante.

Buscaglia, L. (1982). *A história de uma folha - uma fábula para todas as idades* (9a Ed.). Rio de Janeiro: Record.

Calligaris, C. (2009). *A adolescência* (2a ed.). São Paulo: Publifolha.

Cornejo, L. (2008). *Manual de terapia gestáltica aplicada a los adolescentes* (2a ed.). Bilbao: Desclée de Brouwer.

Facci, M. G. D., & Tomio, N. A. (2009) O. Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. *Rev. Teoria e Prática da Educação, 12*(1), 89-99.

Frazão, L. (1996). Pensamento diagnóstico processual: uma visão gestáltica de diagnóstico. *Revista ITGT, 2*, 27-31.

Fisher, R. (2009). *O cavaleiro preso na armadura* (12a ed.). Rio de Janeiro: Record.

Grossman, E. (2010). A construção do conceito de adolescência no Ocidente. *Adolescência & Saúde, 7*(3), 47-51.

Herculano-Houzel, S. (2005). *O cérebro em transformação*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Kluckhohn, C., & Murray, H. (1948). *Personality in nature, society and culture*. Nova York: Knopf.

Lewin, K. (1939). Field Theory and Experiment in Social Psychology: Concepts and Methods. *American Journal of Sociology, 44*, 868-897.

Lima, A. (1997) *Brincadeiras Selvagens: problema nosso – diálogo com pais de adolescentes*. São Paulo: Oficina de Textos.

Muuss, R. (1966). *Teorias da adolescência* (5a ed.). Belo Horizonte: Interlivros.

Nunes, A. L. (2010) *Transtornos Alimentares na Adolescência - Depoimentos das Adolescentes, Gestalt-terapia e Pesquisa*. Curitiba: Jurua.

Oaklander, V. (1980) *Descobrindo crianças – a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes* (6a ed.). São Paulo: Summus.

Oaklander, V. (2008). *El tesoro escondido: la vida interior de* ñinos *y adolescentes*. Santiago: Cuatro Vientos.

Perls, F. (1988). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapi*a (2a ed.). Rio de

Janeiro: LTC.

Perls, F. Hefferline, R., & Goodman, P. (1997). *Gestalt- terapia* (2a ed.). São Paulo: Summus.

Pinto. E. B. (2015). A primeira entrevista. In Frazão, L. M. & Fukumitsu, K. O. *A clínica, a relação terapêutica e o manejo em Gestalt-terapia* (pp. 11-29) São Paulo: Summus.

Quadros, L. C. T., & Soares, L. L. M. (2014) Tempo para brincar, tempo para imaginar: arriscando-se no encontro com crianças e adolescentes em psicoterapia. In E. T. Prestrelo & L. C. T. Quadros (Orgs). O tempo e a escuta da vida: configurações gestálticas e práticas contemporâneas (pp. 143-160). Rio de Janeiro: Quartet.

Rosa, L. (2011). Cont(r)ato terapêutico na clínica gestáltica. *Aw@reRevista Eletrônica, 2*(1), 44-49.

Salomão, S. (2003). Perdas, Situações Inacabadas e Reconstruções – Uma Contribuição da Terapia Familiar Sistêmica à Gestalt-Terapia. In M. Groisman (Org.). Além do paraíso: perdas e transformações na família (pp. 263-264). Rio de janeiro: Núcleo de Pesquisas.

Schnapp, A. (1996). A imagem dos jovens na cidade grega. In G. Levi & J. C. Schmitt (Org.). *História dos jovens - da antiguidade à era moderna* (pp. 19-57). São Paulo: Companhia das Letras.

Silveira, T. M. (2016). Contato. In G. D'acri, P. Lima & S. Orgler (Org). *Dicionário de Gestalt-terapia – gestaltês* (3a ed., p. 59). São Paulo: Summus.

Soares, L. L. M. S. (2005). Um convite para pensar sobre desenvolvimento em Gestalt-Terapia. *IGT na Rede, 2* (3). Disponível em: http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=58&layout=html

Zanella, R. e Antony, S. (2016). Trabalhando com adolescentes: (re)construindo o contato com o novo eu emergente. In L. M. Frazão & K. O. Fuku (Org). *Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia* (pp. 83-109). São Paulo: Summus.

Zanella, R., & Zanini, M. E. B. (2013). Atendendo adolescentes na contemporaneidade. In R. Zanella (Org). *A clínica gestáltica com adolescentes - caminhos clínicos e institucionais* (pp. 59-76). São Paulo: Summus.